

RUA FIALHO DE ALMEIDA

Lei nº 1780 de 26-06-1957, Artigo 1º, Inciso 18
Formada pela rua 5-A do Jardim Nossa Senhora Auxiliadora
Início na rua Vasco Fernandes Coutinho
Término na avenida Júlio Dinis
Jardim Nossa Senhora Auxiliadora

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas Ruy Hellmeister Novaes.

FIALHO DE ALMEIDA

José Valentim Fialho de Almeida nasceu em Vila de Frades, Alentejo, Portugal, a 07-05-1857, e faleceu no mesmo local, a 04-03-1911. Após os estudos primários, foi para Lisboa, onde se matriculou em colégio de ensino secundário. Aí estudou até 1872, quando teve de abandonar as aulas por falta de recursos financeiros. Empregouse como praticante de farmácia, em que se manteve por sete anos e de cujos salários e mais algum dinheiro proveniente de aulas particulares que dava, conseguiu meios para custear as despesas do curso de Medicina, que mais tarde concluiu. Todavia, preferiu as letras à carreira de médico, constituindo-se em escritor de grande nomeada e temível panfletário. Colaborou em muitos jornais portugueses e brasileiros e em outras publicações, escrevendo folhetins, crônicas, críticas literárias e teatrais. Em 1881, publicou o seu primeiro livro: "Contos", dedicado à Camilo Castelo Branco, e no ano imediato, "A Cidade do Vício", onde estão, talvez, as suas melhores páginas de ficção. No ano seguinte, começou a publicar, com o título "Os Gatos", um folheto mensal, que pela popularidade alcançada, tornou-se semanal, discorrendo sobre a vida portuguesa, que teve extraordinário êxito literário. Durou essa publicação até 1894. Tais folhetos estão hoje reunidos em seis volumes, constituindo-se como das melhores campanhas panfletárias desencadeadas na imprensa portuguesa, tipo de publicação tão característica da literatura jornalística e combativa do final do século XIX. Ali se encontram, também, algumas das mais célebres páginas do escritor, como "O Violinista Sérgio" e o "Enterro de D. Luís". Além de jornalista e panfletário, foi contista admirável, deixando na literatura portuguesa algumas das páginas mais belas desse gênero. Entre outras obras, publicou: "Pasquinadas", "Vida Irônica", "Lisbôa Galante", "Madona do Campo Santo", "O País das Uvas". Após sua morte ainda foram publicados mais seis volumes. Em alguns de seus trabalhos, Fialho usou o pseudônimo de "Valentim Demonio".

LEI N.º 1780, DE 26 DE JUNHO DE 1957

Dá nome a diversas ruas da cidade

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas promulgo a seguinte Lei:

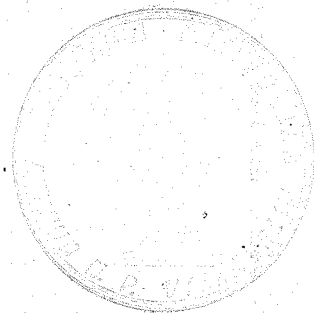
Artigo 1.º — Passam a ter a denominação abaixo as vias públicas seguintes:

- 1 — **LATINO COELHO** — rua 1 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 14 do mesmo arruamento;
- 2 — **FERNÃO LOPES** — via pública que abrange a rua 5 do arruamento da Fazenda Taquaral e rua 30 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 14 do primeiro arruamento;
- 3 — **FERNÃO DE MAGALHÃES** — rua 6 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 14;
- 4 — **EGAS MONIZ** — rua 16 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 14;
- 5 — **JAIME DE SEQUIER** — rua 7 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início e término na avenida perimetral;
- 6 — **GIL VICENTE** — via pública que abrange a rua 28 do Jardim N.S. Auxiliadora e rua 22 do arruamento da Fazenda Taquaral, tendo início na avenida 10 do primeiro loteamento;
- 7 — **PADRE ANTONIO VIEIRA** — via pública que abrange as ruas 23 e 24 do arruamento da Fazenda Taquaral, e que tem início na rua 12 do mesmo arruamento;
- 8 — **ALMEIDA GARRET** — via pública que abrange a avenida 10 do Jardim N.S. Auxiliadora e rua 12 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na Rua Carolina Florence;
- 9 — **PADRE MANUEL BERNARDES** — via pública que abrange a avenida 9 do Jardim N.S. Auxiliadora e a rua 8 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na Avenida Perimetral do último arruamento;
- 10 — **MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCCAGE** — rua 21 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 23 e término na rua 5.
- 11 — **TEÓFILO BRAGA** — rua 14 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na Avenida 1;
- 12 — **CAMILO CASTELO BRANCO** — rua 13 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início e término na rua 14 do mesmo arruamento;
- 13 — **INÊS DE CASTRO** — via pública que abrange as ruas 8 e 12 do Jardim N.S. Auxiliadora, tendo início na avenida 4 e término na rua 14;
- 14 — **JOÃO DE DEUS** — rua 7 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua Baronesa Geraldo de Rezende e término na rua 8;
- 15 — **BARTOLOMEU DIAS** — rua 15 do Jardim N. S. Auxiliadora, que tem início na avenida 1 e término na rua 12;
- 16 — **JÚLIO DINIS** — via pública que abrange as avenidas 1 e 3 do Jardim N.S. Auxiliadora, e que tem início na Rua Baronesa Geraldo de Rezende;
- 17 — **EÇA DE QUEIROZ** — rua 4-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 5-A e término na rua 1-A;
- 18 — **FIALHO DE ALMEIDA** — rua 5-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 1-A e término na avenida 1 do mesmo arruamento;
- 19 — **GUERRA JUNQUEIRA** — rua 6-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 1-A e término na rua 4-A;
- 20 — **ALEXANDRE HERCULANO** — rua 3-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 6-A e término na rua 7-A;
- 21 — **PERO VAZ CAMINHA** — rua 2-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 6-A e término na rua 7-A;
- 22 — **D. MANUEL, O VENTUROSO** — rua 7-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 1-A e término na rua 4-A;
- 23 — **GASPAR DE LEMOS** — rua 9 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 1-A e término na rua 4-A;
- 24 — **ANDRÉ GONÇALVES** — rua 4 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 3 e término na mesma;
- 25 — **GONÇALO COELHO** — rua 18 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 7 e término na rua 2;
- 26 — **MARTIM AFONSO** — avenida A do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na avenida perimetral;
- 27 — **PERO LOPES** — via pública que abrange a rua 6 do Jardim Campinas e rua do Jardim Bela Vista e que tem início na Rua Vital Brasil;
- 28 — **VASCO FERNANDES COUTINHO** — rua 1-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 2 e término na rua 10;
- 29 — **DUARTE COELHO** — rua 1 do loteamento de Rafael Bonavita e outros, a qual tem início na Rua Armando Salles de Oliveira;
- 30 — **FRANCISCO PEREIRA COUTINHO** — rua 15 do arruamento do Parque Taquaral, com início na Rua Armando Salles de Oliveira (atual estrada p/ Mogi-Mirim) e término na mesma;
- 31 — **JORGE DE FIGUEIREDO CORRÊA** — rua 14 do arruamento da Fazenda Taquaral, com início na rua 13;
- 32 — **PERO DE CAMPOS TOURINHO** — rua 20 do arruamento do Parque Taquaral, com início na rua 15 e término na mesma;
- 33 — **PERO DE GÓIS** — rua 19 do arruamento do Parque Taquaral, com início na Rua Armando Salles de Oliveira e término na rua 15;
- 34 — **DIOGO ALVARES** — avenida 1 da Vila Nogueira, com início na Rua Armando Salles de Oliveira;
- 35 — **TOMÉ DE SOUSA** — rua 6 da Vila Nogueira, com início na rua 2 e término na avenida 1;
- 36 — **DUARTE DA COSTA** — rua 2 da Vila Nogueira, com início e término na rua 5 da mesma vila;
- 37 — **MEN DE SÁ** — rua 8 da Vila Nogueira, com início na rua 1 e término na rua 2;
- 38 — **D. JOÃO VI** — rua 7 da Vila Nogueira, com início na rua 2 e término na rua 4;
- 39 — **MARQUÊS DE POMBAL** — rua 3 da Vila Nogueira, com início na rua 4 e término na rua 7;
- 40 — **VASCO DA GAMA** — rua 9 da Vila Nogueira, com início na rua 3 e término na rua 5;
- 41 — **D. AFONSO HENRIQUES** — rua 4 da Vila Nogueira, com início e término na rua 2;
- 42 — **D.ª LUISA DE GUSMÃO** — rua 1 da Vila Nogueira, com início na Rua Armando Salles de Oliveira;
- 43 — **NUNO ALVARES PEREIRA** — via pública que abrange as ruas 10 e 5 da Vila Nogueira, e que tem início na confluência da rua 19 com a avenida 1;
- 44 — **TOMÁS RIBEIRO** — rua 15 da Vila Nogueira, com início na rua 10 e término na rua 1.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 26 de junho de 1957.

Ruy Helmeister Novaes
Prefeito Municipal



CENTENARIO DO NASCIMENTO DE

Fialho de Almeida

7-5-1857-1957

Festeja-se no proximo dia 7, o centenario do nascimento de José Valentim Fialho de Almeida, que nasceu em Vila de Frades, Portugal, extraordinario talento, cuja feição característica foi o mordente



sarcasmo em que vazou as suas obras. "Os combates dos seus primeiros anos contra os azares da vida a que ele alude no "A Esquina", ajudam a compreender como nele surgiu e com o tempo se avigorou esta maneira, talvez cruel, talvez mordaz e cáustica em excesso, como apreciava as coisas e os homens do seu e nosso tempo". Começou sua carreira literaria em 1877, quando o realismo já obtivera grandes triunfos, embora prosseguisse ainda a luta entre essa corrente e o romantismo. Daí a desordem sentimental e o pessimismo todo seu que se notam nos seus trabalhos. Faleceu em 1912.

Obras: "A Esquina", 1903; "Gatos", 1889-94; "Pasquinadas", 1890; "Vida Ironica", 1892; "Barbear, Pentear", 1911; "A Cidade do Vicio", 1882; "País das Uvas", 1893; "Lisboa Galante", 1899; "Contos", 1881; "Figuras de Destaque", 1924; "Estancias de Arte e de Saudade", 1921; "Aves Migradoras", 1922; "Vida Errante", 1925.

"Fialho de Almeida — escreve Mendes dos Remedios — é incontestavelmente um dos escritores mais originaes, mais vivos e que melhor e mais vigorosamente souberam conhecer, amar e imprimir um cunho de individualidade à nossa lingua... As belezas que os seus livros encerram difficilmente se poderiam destacar. Conhecedor profundo da lingua, arcaico pelo contacto dos mestres que melhor a escreveram, modernissimo pela originalidade que tanto se afastava dos seus contemporaneos, através de todas as paginas que escreveu foi sempre um artista superior, amoroso do colorido dos tons fortes e quentes que definem num traço, num escôrço, numa attitude, uma completa figura viva, sentimental, apaixonada".

A VIRGEM DAS ROSAS BRANCAS

...Pôs-se a amassar o gesso para a mascara. Quando o viu plastico penetrou timidamente na camera e foi para o cadaver.

— Gostava dela? — perguntou o estudante num tom estúpido. O escultor fez com a cabeça que sim, e o outro ficou a vê-lo aplicar o gesso.

Sobre a colcha afogada em flores, tochas à cabeceira, dormia ela vestida de noiva para os esponsais da bem-aventurança, o nariz afilando numa aresta fina como um gume. Cerrada com ansia, essa boca dir-se-ia um sulco a buril. Quem teria coragem de viver sem ela neste crapuloso e vil mundo, quem?

E como o escultor comprimia certos pontos do rosto, os olhos, asas do nariz, as maçãs da face, todas as proeminencias e fossetas das feições, Albano, numa ternura magoada, desviando-lhe o braço:

— Olha que isso faz doer, coitadinha!

Esta simples frase fez com que os olhos se encontrassem, medindo a horrivel desgraça; veio-lhes o mesmo brado d'aniquilação suplicante; e num choro de profundos soluços e grandes lágrimas que rolavam no branco setim da morta, abraçaram-se por cima do leito, e assim estiveram, por muito tempo, naquela postura.

Viam-se no "atelier" espalhados por duzias, como ocupações desses curtos intervalos de razão, pares de mãos divinamente esculpidas, longos dedos, unhas de opala transparente, celestes delicadezas de to-

que, mas todos iguais e como reproduzidos do mesmo modelo raro.

Ou copias sem numero duma mascara de gesso, sofredora e candida, que na parede, envolta em crepes, olhava pelo vazio das orbitas. Tal insistencia nos accessorios da mesma figura, exprimia o sentimento imutavel, mais remoto ou menos da dôr. Era a arte dum taciturno, imobilizando a imaginação do artista, mas cristalizando cada bocado em perfeições surpreendentes.

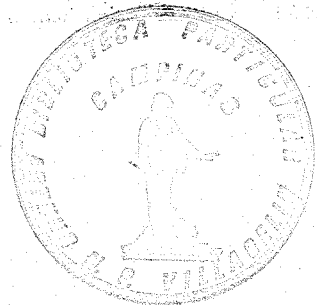
E Albano? Enfim como ultimo relampago, uma vez Artur descobriu que acabara a estatua, ao fim de a haver começado doze vezes. Mas essa, que maravilha unica de genio! Desabrochava completa, estendendo os braços para invocar Deus, por um assombro d'equilibrio lançada na attitude de quem desprende vóos, desenovelando-se da base como uma labareda de sarça, em ziguezagues aereos. Esse fenomeno de estranha beleza era ao mesmo tempo um prodigio de audacia, palpitava; falava, sentia-se sofrer e respirar como uma ciratura.

Tinha uma simples roupa em longas pregas, a romeira cingida até a barba com austeridades claustrais, tranças meio enroladas ainda, soltando-se da nuca numa expressão espavorita e subitanea. E ali para um canto, acocorado por baixo duma juba de velho leão caído, contemplou Artur longamente a sua obra, com olhos extintos, onde pela derradeira vez passara um fogo subterraneo de cratera.

(Do conto "Madona do Campo Santo", em "A Cidade do Vicio").

A Casa de Portugal, comemorando a data do centenario do nascimento de Fialho de Almeida, fará realizar na proxima terça-feira, às 20,30 horas, na avenida da Liberdade, 602, uma sessão civica presidida pelo Consul de Portugal, dr. Adriano de Carvalho. Especialmente convidado pela Casa de Portugal, falará sobre a personalidade do escritor e panfletario portuguez o prof. Massaud Moisés, da Universidade de São Paulo.

(Jornal "O Estado de S.Paulo" de 03-maio-1957)



Fialho panfletário

Comin Papel em 18.5.57

Fialho de Almeida, um dos expoentes da geração de 70 em Portugal, não escreveu um romance e não teve, para a crítica das instituições, o fôlego de um Oliveira Martins, de um Ramalho ou de um Antero.

Ficou, no conto, em que foi mestre, e na crítica social.

Nascido em 1847, (estamos comemorando o seu centenário), há, na sua vida, uma fase de intensa agitação panfletária quando, por então, o seu republicanismismo se atirou, por inteiro, numas rajadas de cólera violenta contra as instituições monárquicas.

Essa fase atinge os pontos culminantes de 1889 a 1891.

Fialho nunca se conformou com a sua sorte de escritor pobre e plebeu injustiçado pelas condições sociais do país e do meio lisboeta. Andava pela casa dos 30 anos nessa época, quando, em companhia de Bordalo, assestou as baterias contra o trôno. Mais tarde, quando se acomodou, pelo casamento rico em

1893, todo esse impeto republicano se amornou e, com a sua adesão a João Franco, estriou de todo. Seus amigos republicanos e seus adversários não lhe perdoaram essa reviravolta política. Pobre Fialho! como devia sentir-se bem no seio daquela burguezia agrária, longe da cidade do vício, com seus recalques plebeus anulados na placidez de uma quinta senhorial. Longe, bem longe andavam já os sete anos de miséria na botica e as aulas que dera para formar-se em medicina... E, embora não muito longe, no tempo, os seus dias de panfletário não cabiam, já naquele ambiente de fartura e domínio. Com escondida saudade devia, no entanto, recordar aquêles alvoroços do "Ultimatum" e os fogachos populares da revolta do Porto. E os artigos incendiários com que, de 23 de Janeiro de 1890 a 5 de fevereiro de 1891 alimentou a fogueira da insurreição. Que magnífica Coletânea de bradcs descompassados, de arreganhos viris, de impropérios virulentos com que galvanizara a opinião pública e a elevára aos quarenta graus de febre! E que títulos: Ao Povo! (23-1-1890), Cobardes! (13-2-1890). O fim do fim (16-5-1890), A la lanterne (18-9-1890), A assaltada ao Martinho (25-9-1890), Paz podre (9-10-1890), Glória aos vencidos (5-2-1891).

Que frases candentes em raivadas de petroleiro: "Em crismas de povos, não há santos oleos como o sangue. O escarlate estesia como um clarim soando ao assalto. Estesia e depura".

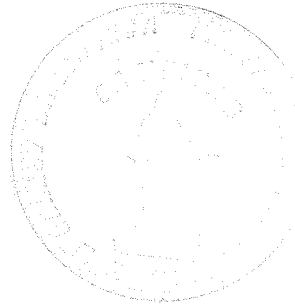
Quando, mais tarde, Fialho passou de armas e bagagens para as hostes de João Franco, não faltaram mãos impiedosas que mandassem imprimir o artigo "Gloria aos vencidos" para distribuição gratuita ao povo.

Não há dúvidas de que Fialho renegou das suas idéias políticas, mas continuou fiel à sua obra de crítica social. O melhor de sua obra literária, no entanto, é o que produziu na fase de agitação política.

O Fialho de "Estâncias de arte e de saudade", de "Agosto azul" (1904), de "Gente singular" (1909), não é o mesmo Fialho dos "Contos" (1881), da "Cidade do vício" (1882), de "O País da uvas" (1863).

Tinha o culto do belo, mas comprazia-se no aleijão, no disforme e nas táras de um mundo decadente. Percebe-se-lhe, até um tanto-quanto de sadismo nos quadros de miséria que descreve. Foi um impressionista da prosa portuguesa, ageitando a frase ao seu gôsto de brilhar e surpreender. Um egotista, afinal. Mas um extraordinário temperamento de artista. Poucos como êle, souberam apanhar os tons de uma emoção passageira, e poucos souberam escolher as tintas próprias de uma impressão visual.

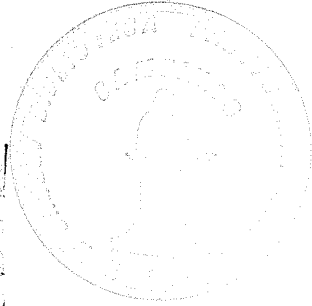
O perfil do Manuel, a descrição do enterro do rei D. Luís I, o trabalho duro dos ceifeiros, são coisas que andam aí pelas Antologias... E' vê-las.

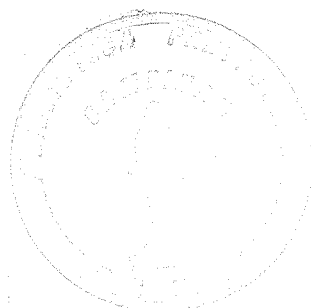




7-5-1965

1857 Nasce na Vila de Frades, Portugal, o escritor José Valentim Fialho de Almeida, falecido no Alentejo a 4 de março de 1911. Exerceu de início a profissão de farmacêutico, dedicando-se a seguir à vida literária. Foi escritor combativo, panfletário, sarcástico, citando-se entre suas obras: "A Esquina", "Gatos", "Pasquinadas", "Vida Irônica", "Barbear, Pentear", "A Cidade do Vício", "País da Uvas", "Lisboa Galante", "Contos", "Figuras de destaque", "Estancias de Arte e de Saudade", "Aves Migradoras" e "Vida Errante". A respeito de seu valor literário, escreveu Mendes dos Remédios: — "foi sempre um artista superior, amoroso do colorido, dos tons fortes e quentes que definem num traço, num escôrço, numa atitude, uma completa figura, viva, sentimental, apaixonada".





FIALHO DE ALMEIDA

Nasceu na Vila de frades no Baixo Alentejo em 1857. Faleceu em Cuba, em 4 de março de 1911. Era filho de um professor primário. Em 1866 vai para Lisboa estudar. Trabalhando numa farmácia, faz estudos de Medicina e se forma. Todavia, diplomado não exerceu a profissão. Dedicou-se ao mundo literário, onde na literatura de combate achou seu local indicado. Fêz jornalismo crítico e polémico. Publicou Os GATOS que arranhou meio mundo. Desta forma achou-se cercado de hostilidades. No fim da vida desiluido retira-se para a provincia natal onde exerceu a profissão de ataques a torto e a direito. Faz parte do Realismo português.

Foi anti-burguês e batalhou muito para a implantação da República em Portugal, a qual só mais tardé veio se realizar. Todavia viu seu sonho realizado, no ano de sua morte.

**SABE?
QUEM FOI?**

FIALHO DE ALMEIDA

ESCRITOR de grande nomeada e temível panfletário foi o dr. José Valentim Fialho de Almeida. Nasceu e morreu em Vila de Frades, no Alentejo - 1857/1911.

Colaborou em muitos jornais portugueses e brasileiros e em outras publicações, escrevendo folhetins, crônicas, críticas literárias e teatrais, etc.

Em 1881 publicou o seu primeiro livro — «Contos» —, que dedicou a Camilo Castelo Branco, e no ano imediato «A Cidade do Vício», onde estão, talvez, as suas melhores páginas de ficção.

No ano seguinte, começou a publicar, com o título «Os Gatos», um folheto mensal (que depois passou a semana) sobre a vida portuguesa, o qual teve grande êxito literário. Durou essa publicação até 1894. Tais folhetos estão hoje reunidos em seis volumes. Estes livros ficaram na literatura portuguesa como das melhores obras panfletárias, tão características da literatura jornalística e combativa do final do século XIX. Ali se encontram, também, algumas das mais célebres páginas do escritor, como «O Violinista Sérgio» e o «Enterro de D. Luís».

Foi, além de jornalista e panfletário, um contista admirável, que deixou na nossa literatura algumas das páginas mais belas nesse gênero.

Fialho de Almeida deixou, ainda, entre outras, as seguintes obras: «Pasquinadas» (1890), «Lisboa Galante» (1890), «Vida Irónica» (1892), «O País das Uvas» (1893), etc.

O último livro que publicou em vida foi «A Esquina». Depois, — ôstumamente, publicaram-se «Barbear e Pentear», «Saibam Quantos», «Actores e Autores», «Vida Errante».

Em alguns dos seus trabalhos usou o pseudónimo de «Valentim Demónio».

(Recorte do "Diário Popular" de Lisboa, Portugal, de 07.05.1956)